

**REVISTA ESTÉTICA E SEMIÓTICA**  
Volume 7 - Número 2 - 2017

---

**NEHS** Núcleo  
Estética  
Hermenêutica  
Semiótica

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO



é uma publicação temática semestral, editada pelo Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

ISSN 2238-362X

Solicita-se Permuta / *Exchange Requested*

Os autores são responsáveis pelos textos e  
pelas cessões das imagens em seus artigos.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de Brasília - UnB  
Instituto Central de Ciências - ICC Norte - Gleba A  
Campos Universitário Darcy Ribeiro - Asa Norte - Caixa Postal 04431  
CEP: 70904-970 - Brasília / DF - E-mail: [fau-unb@unb.br](mailto:fau-unb@unb.br)  
Telefone: 55 61 3107-6630 Fax: 55 61 3107-7723

## **UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Reitora:** Márcia Abrahão Moura

**Vice-Reitor:** Enrique Huelva

**Decana de Pesquisa e Pós-Graduação:** Helena Eri Shimizu

**Decano de Extensão:** Olgamir Amancia

## **FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - UNB**

**Diretor da FAU:** José Manoel Morales Sánchez

**Vice-Diretor da FAU:** Luciana Sabóia

**Coordenador de Pós-Graduação:** Marcos Thadeu Queiroz Magalhães

## **EQUIPE EDITORIAL**

### **Fundadores**

Flávio René Kothe (Universidade de Brasília – Brasil)  
Júlio César (Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – Brasil)

### **Conselho Editorial**

Flávio René Kothe (Universidade de Brasília – Brasil)  
Miguel Gally (Universidade de Brasília – Brasil)  
Luciana Saboia (Universidade de Brasília – Brasil)  
Gustavo de Castro (Universidade de Brasília – Brasil)

### **Editoria Executiva e Diagramação**

Isac do Vale Oliveira

### **Conselho Científico**

Luciano Coutinho (Universidade Federal de Uberlândia – Brasil)  
Manuel Curado (Universidade do Minho – Portugal)  
Sergio Rizo (Universidade de Brasília – Brasil)  
Ernildo Stein (Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil)

### **Coordenação do Simpósio**

Flávio René Kothe  
Luciano Coutinho  
Claudia Afonso

### **Comissão Executiva do Simpósio**

Bianca Abdala  
Sonia Azeredo  
Thiago Nascimento

### **Organização da Publicação**

Flávio René Kothe  
Luciano Coutinho

### **Endereço postal**

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU Universidade de Brasília – UnB  
Instituto Central de Ciências - ICC Norte - Gleba A  
Campus Universitário Darcy Ribeiro - Asa Norte  
Brasília Distrito Federal  
70904-970

### **Contato Principal**

Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica: nucleoehs@gmail.com

### **Contato para Suporte Técnico**

Júlio César: nucleoehs@gmail.com

# SUMÁRIO

Equipe Editorial	IV
Apresentação	VI
 	1
<b>Sobre a objetividade do belo entre Kant e Hölderlin</b> <b>Zur Objektivität des Schönen zwischen Kant und Hölderlin</b> <i>Joãozinho Beckenkamp</i>	
Mentiras na verdade da República <b>Lies in the truth of the Republic</b> <i>Flávio R. Kothe</i>	11
 	39
<b>Verdade e fé: as linguagens da catedral nos séculos XII XIII</b> <b>Truth and faith: the languages of the cathedral in the XII to XIII centuries</b> <i>Maria Eurydice de Barros Ribeiro</i>	
<b>Modelo vivo e arte - Tradições na modernidade</b> <b>Living model and art - Traditions in modernism</b> <i>Sergio Rizo</i>	49
 	79
<b>Arte e verdade na arquitetura:</b> <b>uma reflexão a partir da perspectiva preservacionista</b> <b>Art and truth in architecture: a reflection from the preservationist perspective</b> <i>Ana Elisabete Medeiros</i>	
<b>Fingimento, mimese e verdade na literatura:</b> <b>Lisboa, a cidade de Ulisses</b> <b>Makebelieve, mimesis and truth in literature: Lisbon, the city of Ulisses</b> <i>Lúcia Helena Marques Ribeiro</i>	101
 	113
<b>A expulsão da arte-verdade na República de Platão</b> <b>ou a problemática da percepção psíquica em torno dos mythoi</b> <b>The expulsion of art-truth in Plato's Republic</b> <b>or the problematic of psychic perception around the mythoi</b> <i>Luciano Coutinho</i>	
<b>Arte e enganação</b> <b>Art and deceit</b> <i>Tiago de Carvalho</i>	129

# Apresentação

---

O primeiro simpósio organizado pelo NEHS, Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília, em 2015, foi sobre Poder e Manipulação; o segundo, em outubro de 2016, foi sobre Arte e Metafísica; o terceiro, em outubro de 2017, foi em torno do tema Arte e Verdade. Tais escolhas não são ocasionais, e sim determinadas por preocupações que afloraram em aulas, seminários, debates e embates. Há como que uma progressão na direção de um centro, que sempre de novo escapa. Assim vai se cercando o problema.

Tolstói, no ensaio “O que é arte?”, chamou a atenção para a “pequena diferença” que caracteriza a arte maior e que faz nela toda a diferença. Isso não aparece quando se acha que se pode reduzir a qualidade artística a quantidades, pois no matemático se equipara o semelhante, menosprezando diferenças. Verdade não é apenas correção conforme parâmetros e sim um complexo jogo de desencobrimentos e encobrimentos, no qual o descobrir é um modo de encobrir, que ocorrem na relação do sujeito com o objeto. O que em Aristóteles era uma dezena de categorias lógicas, na Gramática de Port-Royal foi reduzida a sete e em Kant a quatro. Estamos num mundo, porém, em que se tende a reduzir tudo ao quantitativo. Tanto se precisa ultrapassar essa redução quanto examinar na arte uma lógica que não é a do  $1 = 1$ , do princípio da não contradição.

A tese de que o número seja o segredo do mundo já existia com os pitagóricos. Aristóteles observou, porém, que o número sempre é o número de alguma coisa, ele não gera a coisa, mas ele é gerado pelas coisas. Finitizar o infinito não resolve a infinitude. Pascal, um dos inventores da máquina de calcular e da roleta, apontou contradições na lógica matemática, contrapondo-se a seu mestre Descartes, que tomara a matemática e a geometria como modelo para as “ideias claras e distintas”, o que acabou constituindo o paradigma da modernidade, mas se embasava na tradição metafísica. Pascal observou, portanto, que a distância de zero a infinito é uma distância, portanto  $1 = \infty$ . Nietzsche dizia que quando se soma um homem e uma mulher o resultado costuma ser quatro ou cinco. A diferença entre correção paradigmática e verdade vem sendo ignorada em detrimento desta.

O medo diante da teoria se esconde sob teorizações aparentes: teme-se que ela vá longe demais, pergunta-se o que não está de acordo com crenças e pressupostos do perguntado, sugira respostas que não se gostaria de ver propagadas. Mas quem é o sujeito desse “não se permite”? A mentalidade tecnicista, o beneficiário do *status quo*, aquele que tem crenças que não se sustentam, etc. Há muitos “sujeitos”, que não querem ver aquilo a que estão sujeitados e, por isso, querem impor isso a outros.

Há medo diante da teorização que coloque perguntas que complicam as explicações habituais, mas também há medo *na teoria*: ela própria teme ir longe demais, ao perguntar o que não gostaria, tendo de negar e superar a si mesma, renegar convicções, reconhecer inconsistências, lacunas e erros. Ela tem medo de avançar: tentar apreender ao máximo em conceitos o que quer se negar à apreensão conceitual. Recua diante de si. É como se a negação da teoria tivesse razão porque esta nunca consegue ir tão longe quanto deveria. A teoria da arte se propõe uma tarefa limítrofe: expor por conceitos o que vai além do conceito.

Conceituar a arte esbarra numa contradição antagônica, já que ela própria transcende o conceitual. A grande arte se preserva porque o que ela sugere não pode ser dito melhor de outro modo. A teoria da arte, ao tentar apreender o que foge à apreensão, tende a mumificar seu objeto em conceitos, quando deveria redescobrir

---

sua vitalidade. A obra com grandeza de arte há de se defender desse ataque para preservar sua diferença: ela vai sempre murmurar “tu não me tens por inteira”.

Teoria e obra de arte não são aliadas naturais: são antes rivais, inimigas potenciais. É preciso desenvolver uma teoria que seja aliada à arte, ao preço de reconhecer seus limites enquanto busca transcendê-los. Querer que a crítica da arte seja feita por um algoritmo ou por outra obra de arte é, por um lado, ignorar algo inerente ao impulso diferencial da obra inovadora, e, por outro, atribuir a ela uma função que não é sua. A obra que quer ser um manifesto tende a morrer com ele. A qualidade da obra não é proporcional à sua metalinguagem ou à sua correspondência a uma fórmula prévia.

Martin Heidegger, no início de suas preleções de 1941-42, colocou a questão: “A poesia inclui a riqueza da significação, exige do pensamento a mais alta lei e o maior rigor. O pensar de um conceito matemático ou físico está preso à unilateralidade do exato: um pensar carente, que encontra na carência do quantitativo o seu refúgio. O cuidado daquele pensamento que entra na palavra poética não se satisfaz com definições, mas também não se pode perder no indeterminado do opinar ocasional e mais ou menos. Só se capta a palavra poética com algo diferente do entendimento habitual de ditos e frases.”<sup>1</sup>

Arte é produto do exercício da liberdade. A máquina de calcular não tem liberdade: ela sempre tem de apresentar os mesmos resultados. Não se ter previsto um fator presente em um fenômeno não o torna livre. Como a arte não é apenas coisa a ser consumida, ela é mais que mercadoria, inclusive onde impera o mercado. Esse “a mais” é uma irredutível diferença ontológica. A arte é um convite à imaginação, portanto à liberdade interior. Ela é formadora da cidadania.

Ciência, arte e filosofia que não busquem a verdade não merecem o nome. A verdade exige do sujeito uma liberdade interior, uma abertura para os fenômenos e seus significados, mas também uma liberdade que permita ao objeto se mostrar em sua inteireza, algo que não se dá se ele for enquadrado nos parâmetros a priori de uma receita. O objeto precisa poder se mostrar mesmo em aspectos desagradáveis, inesperados, indesejados. O que reúne as três é elas todas serem linguagem, não como instrumento externo de comunicação, mas como condição do pensar e do caracterizar, da relação do homem com o mundo.

Essa trindade – arte, ciência e filosofia – tem na liberdade seu fundamento. Ela não lhes é concedida: precisa ser conquistada. Sem o império da necessidade, não passaria de palavra vazia. Liberdade é superação da necessidade, não apenas seu reconhecimento. Onipotência é um termo autocontraditório: quem pode tudo não tem noção do poder que tem. A liberdade do homem só aparece com a morte do onipotente e onisciente. A liberdade se gera na finitude. Aqui se faz, em condições precárias, um exercício de pensamento livre. Fica o seu testemunho.

FLÁVIO KOTHE e LUCIANO COUTINHO

---

<sup>1</sup> Heidegger, Martin. *Hölderlins Hymne Andenken*, GA 52, Frankfurt a.M., Klostermann Verlag, 2ª edição, 1992, p. 15.

